

Collor prevê fim da crise só em 93

BRASÍLIA — O Presidente Fernando Collor disse ontem que os brasileiros só deverão ver a luz no fim do túnel em 1993, embora torça para que a situação do País comece a melhorar já no ano que vem. Na conversa de 25 minutos que manteve ontem com os jornalistas, na porta da Casa da Dinda, após sua corrida dominical, Collor admitiu que a situação econômica do País é grave e que os brasileiros, de fato, estão enfrentando sacrifícios. Mesmo assim, consegue ver alguns sinais positivos, como a perspectiva de acordo com o Fundo Monetário Internacional, o avanço do programa de privatização e uma previsão de supersafra agrícola no próximo ano.

Ele pediu aos consumidores para que não deixem de pechinchar e que não façam suas compras de Natal agora, mas que esperem para fazê-las mais próximo do final do ano, quando, garante, os preços vão baixar. Para Collor, a aposta nos baixos preços vem da certeza de que os empresários que especularam “quebraram as fuças”. Segundo o raciocínio do Presidente, depois de estocarem esperando um novo choque, os empresários — “para restituir um pouco do que já retiraram da sociedade brasileira” — terão agora que desovar suas mercadorias a um preço que o consumidor esteja disposto a pagar.

Collor garantiu não haver ainda nenhuma conclusão sobre o percentual do abono que será acrescentado ao salário-mínimo. Disse que tudo dependerá das conversações que começam hoje no Ministério da Justiça, mas que o abono “pode ser até menos do que 20% do mínimo” (Cr\$ 8.400).

O Presidente voltou a criticar os empresários que, com discursos pseudo-liberais, apostaram num novo choque e conseqüentemente, no congelamento, fize-

ram altos estoques de suas mercadorias e incentivaram a especulação do dólar e do ouro, que dispararam nos meses de setembro e outubro.

— Existem os espertalhões, aqueles que ficam permeando seu discurso com uma tônica liberal, com preocupação social, que é a nossa linha, que é o social-liberalismo, a economia social de mercado, mas quando chega na hora eles querem que o discurso deles atinja somente seu vizinho do lado. Quando é para falar do sacrifício que alguns cartéis têm, eles não se apiedam, não têm aguçada a sua consciência para os problemas sociais do País. Nós temos que saber utilizar os poucos recursos de que hoje a sociedade brasileira dispõe. Estamos nos sacrificando? Claro que estamos. Enormes sacrifícios — afirmou.

Como o Governo recusou-se a fazer o jogo dos empresários, Collor disse que acabou forçando a baixa do dólar ao ordenar a retirada do Banco Central desses mercados. A conseqüência dessa política, segundo Collor, foi que os empresários estão trazendo de volta seus dólares e, para não quebrar, serão obrigados a reduzir os preços.

— Tomamos uma decisão de coragem e de audácia bem medida de retirar o Banco Central do mercado de ouro e do dólar, e conseqüentemente o que nós vimos é que o dólar caiu rapidamente.

Quanto à queda de sua popularidade, conforme constatou uma pesquisa do Instituto Gallup, Collor não deu muita importância, afirmando que “o futuro é que dará a resposta”. Provocado, Collor não quis polemizar e evitou comentar as críticas que lhe dirigiu o ex-Presidente José Sarney, ao afirmar que o Governo perdera o rumo. Apenas negou que as reservas líquidas de divisas teriam baixado durante o Governo Collor.